

Monique Marques Longo

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Maria Judith Sucupira Costa Lins

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo: *Os vigentes Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, vol. 8) apregoam que o tema da Ética deve ser abordado como tema transversal nas escolas, exigindo dos professores conhecimentos acerca do juízo moral infantil. O objetivo deste artigo reside tanto em investigar o que tem sido ensinado Concernente à Educação Ética nos Cursos de Licenciatura como apresentar uma discussão teórica acerca da problemática do agir humano. A pesquisa qualitativa realizada apresentou: (1) uma análise dos currículos das licenciaturas de uma Universidade pública carioca; (2) a aplicação de 30 entrevistas semi-estruturadas com licenciandos matriculados nesta IES e (3) uma discussão filosófica/psicanalítica acerca do tema da ética a partir de sugestões propostas pelos próprios licenciandos. Constatou-se que a formação de alunos autônomos/éticos exige a abordagem de reflexões axiológicas e psicológicas/psicanalíticas durante a formação inicial docente.*

Palavras-chave: *Educação Ética; Cursos de Licenciatura; Filosofia; Psicanálise.*

ETHICS IN TEACHER TRAINING COURSES IN TIMES OF MORAL CRISIS

Abstract: *The current National Curriculum Parameters (1997, vol 8) claim that ethics should be approached as a transversal theme in schools, requiring teachers to know more about the moral judgment of the child. The purpose of this article is to investigate what has been taught concerning ethical education in teaching degree programs and to present a theoretical discussion about the problem of human action. The qualitative research carried out included (1) an analysis of the undergraduate curricula of a Rio de Janeiro state-run university, (2) 30 semi-structured interviews with teaching undergraduates enrolled in that HEI, and (3) a philosophical / psychoanalytic discussion about ethics from suggestions proposed by the undergraduates themselves. It was found that the training of autonomous / ethical students requires the approach of axiological and psychological / psychoanalytic reflections during initial teacher training.*

Keywords: *Ethical education. Teaching degree courses. Philosophy. Psychoanalysis*

Introdução

A constituição do Código de Hamurabi, já no século XVIII a. C, corrobora o fato de que a educação das novas gerações e, principalmente, a sua formação ética mostrou-se preocupação social desde o início da civilização. A abordagem de regras, normas e dos parâmetros socialmente elencados concomitantes à aprendizagem dos valores aceitos culturalmente estão presentes, ratifica Sucupira Lins (2004) desde os primórdios, na prática educativa. A estipulação e a hierarquização dos valores a serem ensinados e aprendidos nas escolas constituem-se e, ainda hoje, apresentam-se como requisito fundamental à evolução cultural e à garantia de um melhor convívio social.

Do mesmo modo que o caminho pela validação do conhecimento e legitimação de critérios epistemológicos foi e é percorrido por diversos filósofos, o problema da Ética tem sido objeto de reflexão por autores das mais diversas correntes de pensamento, como podemos ver em MacIntyre (1998), Marcondes (2007), Vasquez (1987) e Sucupira Lins (1999).

O ser humano não é apenas entendido a partir de uma reflexão filosófica, mas também por outras áreas do conhecimento, dentre as quais desde o início do século XX se destaca a psicanálise freudiana.

Embora haja uma diversidade de teorias que buscam fundamentar o ser humano enquanto pessoa (VON HILDEBRAND, 2009; MOUNIER, 1964) muitos professores se mostram perdidos e inseguros quanto ao ensino de valores durante suas aulas. Alguns aceitam o desafio de pesquisar sobre o assunto, com a finalidade de orientar os alunos, compreendendo-os como pessoas em sua totalidade.

Ao observarmos o cotidiano das escolas brasileiras e, principalmente, conhecendo pesquisas que se direcionam à educação moral (SUCUPIRA LINS et al. 2004, SUCUPIRA LINS ET AL 2007, LONGO, 2009, 2014), notamos que nem sempre se garante o papel de educar eticamente. Outras pesquisas (LONGO 2014, TOGNETTA e VINHA, 2001, DEBARBIEUX, 2006) revelam que violência, roubo, desrespeito, preconceito e discriminação se apresentam no cotidiano de grande parte das escolas brasileiras. Pensando na relação existente entre uma crise de valores e a emergência destes fenômenos, as causas destes perigos residem, afirmam Tognetta e Vinha (2001, p. 14) “na acomodação e na manutenção de um sistema escolar falido, que não dá mais conta de educar para a complexidade da sociedade contemporânea”. As escolas, complementam as autoras, perdem a oportunidades de educar para a autonomia moral e promover reflexões acerca dos valores que balizam o comportamento

humano, sobretudo, nos momentos em que os alunos mais precisam, isto é, durante os conflitos.

Neste mesmo sentido, Sucupira Lins (2004, p.353) ressalta que o professor/ educador é “aquele profissional responsável não só pelo ensino de um programa proposto para uma determinada série ou disciplina da vida escolar do aluno, como também o responsável por sua formação ética e moral”. Para a autora, o que vai distinguir o educador dos demais tipos de professor é justamente a sua responsabilidade pela formação do aluno integralmente, sendo a formação moral/ética essencial faceta educacional.

A escola reflete uma crise que acomete a sociedade integralmente. No âmbito macrosocial, MacIntyre (2001) acusa o descaso quanto à ética e à moral presentes na sociedade contemporânea como resultado da *desordem moral* que tem origem no que conceitua de *Emotivismo*, isto é, na “doutrina de que todos os julgamentos avaliativos e, mais especificamente, todos os julgamentos morais, nada mais são que expressões de preferência, expressões de atitude ou sentimento” (MACINTYRE, 2001, p. 19). Para esse filósofo contemporâneo, o abandono da racionalidade impede a reflexão crítica, a hierarquização e dos valores necessários para bem organizar a sociedade e as relações sociais de forma a garantir a felicidade humana. “A linguagem e as aparências da moralidade persistem, embora a substância integral da moralidade tenha se fragmentado muito”, conclui MacIntyre (2001, p. 20), apontando para uma das possíveis causas do problema que estaria no falso uso dos termos sem a necessária fundamentação. Ensinar e aprender o que é um valor (SUCUPIRA LINS, 1999) está no cerne da questão enfocada nesse artigo. Não há possibilidade de se viver em harmonia se os professores não ensinam valores e os alunos não aprendem valores.

Ante o período de crise, urge, segundo ainda MacIntyre (2001), retornarmos aos preâmbulos aristotélicos acerca da educação moral juvenil. Lembra Verbeke (1990) que, para Aristóteles, o homem é um ser político e social e, portanto, seu comportamento face aos outros precisa ser regido por leis morais. As leis morais devem resultar de virtudes que são universais e servem de base para as que são culturalmente constituídas, e têm seu lugar específico em cada povo, onde são e devem ser ensinadas e aprendidas. A educação moral dos jovens, para Aristóteles, mostra-se um elemento primordial da formação humana, embora seja desafiadora e trabalhosa.

Diante dos pressupostos aristotélicos, das ressalvas aqui expostas por MacIntyre (2001), e do descaso em relação à educação moral/ética observado por pesquisas de Sucupira Lins (2004, 2007) e Longo (2009, 2014) nas escolas brasileira, torna-se necessário que se faça uma reflexão sobre aprendizagem de valores na infância, notadamente no espaço escolar. Nesse sentido, nos

questionamos: Como professores têm sido formados para refletir e abordar Ética em sala de aula?

A preocupação com questões éticas não se resume ao campo da filosofia. A psicanalista Maria Rita Kehl (2005), à luz dos preceitos introduzidos por Freud, não apresenta conclusões diferentes de MacIntyre (2001), ao introduzir uma discussão acerca dos valores que regem, ou não, o psiquismo humano. A autora afirma que vivemos hoje em uma sociedade alicerçada pelo prazer narcisista, o acúmulo de dinheiro e da exclusão do outro. Os valores que fundam a sociedade na qual vivemos no século XXI, expõe a autora, são ‘anti-valores’, isto é, distinguem-se daqueles os quais levarão as pessoas à sua real satisfação como sujeitos psíquicos e sociais. Kehl (2005) expõe ainda ser fácil constatar a existência de uma crise ética mundial que desencadeia de forma alarmante não apenas sintomas sociais, mas principalmente ratifica a necessidade de novas reflexões morais. A autora infere estar, no cerne desta crise, a descrença no reconhecimento da lei e a desmoralização dos códigos que até então regiam culturas e os seres psiquicamente, restando, às sociedades modernas, o mero narcisismo individual.

A partir também do aporte teórico da psicanálise freudiana, Kupfer (2005) ressalta os obstáculos a serem enfrentados pela ação pedagógica ante o agir moral dos alunos. Entre estes, a missão central a qual o educador está incitado a cumprir é “buscar para seu educando, o justo equilíbrio entre o prazer individual – vale dizer, o prazer inerente à das pulsões sexuais – e as necessidades sociais – vale dizer, a repressão e a sublimação” (KUPFER, 2005, p.46). Ainda para Kupfer (2005), mostra-se um desafio ao docente definir até onde se deve limitar o comportamento abusivo dos alunos - que ultrapasse os limites impostos pelo valor do respeito ao outro - sem que se instaure a impossibilidade de expressão dos seus desejos – mola propulsora da aprendizagem e do conhecimento - de forma a reprimir também sua criatividade e capacidade crítica.

Se professores e educadores, de modo geral, caracterizam-se pelo desconhecimento acerca dos valores aceitos socialmente e inseguros ao elencá-los como paradigmas do seu próprio comportamento, torna-se desafio maior educar seus alunos eticamente. Ao direcionarmos, portanto, a discussão à formação docente e, especificamente, às Instituições de Ensino Superior, outro questionamento emerge: Quais valores e reflexões os atuais alunos matriculares nos cursos de licenciatura, futuros professores, estão aprendendo durante suas licenciaturas, e quais ensinarão futuramente às crianças e jovens?

Nesse sentido, o presente artigo propõe-se a apresentar tanto uma reflexão sobre o ser e o agir humano e o tema da ética a partir de um diálogo entre a filosofia aristotélica e das características da psicanálise de leitura

freudiana, como apresentar dados de uma pesquisa empírica, visando compreender quais fundamentações têm os professores ao abordarem a questão da Educação Moral/Ética nos diversos cursos de licenciatura.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada em dez cursos de licenciatura de uma Universidade pública carioca. Em uma fase inicial, analisamos os currículos dos cursos de Matemática, Letras, Geografia, História, Educação Física, Artes Plásticas, Química, Física e Ciências Biológicas e, a partir desse primeiro momento, as disciplinas que, possivelmente, abordariam questões relacionadas à Educação Moral. As ementas das disciplinas selecionadas foram cuidadosamente analisadas, das quais foram inferidos determinados tópicos relacionados à filosofia da moralidade do desenvolvimento do juízo moral infantil. Posteriormente, buscamos compreender a operacionalização de tais conteúdos durante o semestre de aulas, e para tal, trinta questionários foram aplicados concomitantemente a entrevistas semiestruturadas realizadas com três graduandos de cada curso. O questionário investigava, nos conteúdos abordados durante as aulas, possíveis ausências notadas durante sua formação e sugestões relevantes à sua futura prática docente. O material coletado foi organizado a partir da metodologia de Análise de Conteúdos proposta por Laurence Bardin (1996).

Considerando as carências apresentadas pelos currículos, as sugestões dos licenciandos e o aporte teórico de filósofos e psicanalistas que pensam sobre a moralidade humana, apresentamos ainda uma reflexão sobre o tema da ética e do agir humano que traga contribuições para a prática cotidiana dos educadores. Almejamos, por fim, oferecer subsídios para a construção de uma prática pedagógica comprometida com a Educação Moral nas Instituições de Ensino Fundamental visando à formação de uma sociedade mais justa e ética.

Fundamentação filosófica sobre Ética

O aporte teórico adotado na pesquisa tem como base os estudos aristotélicos da virtude, sua atualização proposta por Alasdair MacIntyre e os pressupostos freudianos direcionados ao tema da moralidade humana. Essas teorias significaram um marco nas concepções morais de suas épocas e, em diálogo, se complementam trazendo contribuições às reflexões acerca do ser e do agir humano e à educação moral/ética.

Grande parte dos questionamentos morais aristotélicos se encontra na obra *Ética à Nicômaco* (2007 séc. IV a. C.), na qual Aristóteles se refere ao agir virtuoso como meio para alcançar a felicidade, objetivo de toda ação humana. A *eudaimonia* é a felicidade, completa por si mesma, quando resulta da prática das virtudes visando o bem comum na *polis* – sociedade. Viver em prol dos desejos, segundo a perspectiva aristotélica, não possibilitaria ao homem o

autoconhecimento, a aprendizagem de valores, a assimilação e acomodação do *habitus*, que uma vez incorporado à pessoa, favorece a boa convivência social, e consequentemente, o alcance da felicidade - prática do bem comum.

A virtude – *areté* - deve ser o cerne da ação humana, e é somente introjetada por meio da práxis contínua, o que é um dos pilares centrais da filosofia aristotélica. Sem as virtudes, complementa MacIntyre (2001, p. 254), “faltariam ao indivíduo os meios de organizar suas emoções e desejos, de decidir racionalmente quais cultivar e incentivar, quais inibir e reduzir”. É nesse sentido que as pesquisas (SUCUPIRA LINS, 2015) mostram que a aprendizagem de virtudes deve ser parte significativa no programa escolar. Emerge, das reflexões propostas por Aristóteles, uma questão: Quais seriam as causas da incoerência entre o discurso verbal em prol da virtude e a sua não prática, tão visíveis no homem atual?

MacIntyre (2001) ressalta a incompletude da obra aristotélica no que concerne à compreensão da origem dos conflitos humanos ao agir entre o bem e o mal. “A ausência desse reconhecimento da centralidade da oposição e do conflito na vida humana também esconde de Aristóteles uma importante fonte de aprendizado humano sobre as virtudes” (MACINTYRE, 2001, p. 277). Segundo o autor, Aristoteles não se ateu em explicar ou descrever as causas psíquicas humanas ao agir de forma diferente daquela guiada pelas virtudes, algo fundamental a ser feito se desejamos a aprendizagem e o agir em prol da virtude.

O segundo referencial teórico adotado é a teoria de Freud, que dedicou sua vida a compreender o funcionamento do psiquismo humano e, neste, da formação do SuperEgo, instância psíquica constituída pelas introjeções culturais e valores morais. Apesar da epistemologia psicanalítica, segundo Charles Hanly (1995), não ser uma prática normativa, isto é, não ter como fundamento postular valores ou normas a serem seguidos, a psicanálise, diferente de certas teorias filosóficas e dos códigos morais, tem como objetivo trazer um relato psicogênico dos valores, sem defender ou tomar partido de alguns em detrimento de outros.

A psicanálise, segundo Hanly (1995, p.208) “oferece um relato descritivo da gênese do normativo. Pode proporcionar uma história natural e explicação desta gênese através do modo como ela integra uma perspectiva de desenvolvimento”. Por serem diferentes dos objetivos da ética filosófica no que concerne à reflexão e postulação de determinados valores, Hanly deixa claro não ser esse o fim dos escritos freudianas.

A despeito de não ter como fim postular princípios ou paradigmas morais, a contribuição freudiana se ratifica quando, ao propor a hipótese da existência de uma instância psíquica para além do racional, fundamenta a

compreensão do psiquismo humano e nos ajuda a compreender a origem do hiato entre a ação em prol da virtude ou do vício. No *Projeto de 1895*, Freud (1950) defende ser a primeira estrutura do aparelho psíquico algo próximo a um aparelho reflexo que descarrega qualquer excitação sensorial através de uma via motora. O princípio da inércia, o qual rege o psiquismo, incita os neurônios a se desfazer de Q^i sejam estas excitações provenientes do meio externo – isto é, de demandas do ambiente - ou intrínsecos ao próprio corpo – visando seu funcionamento de forma equilibrada. O prazer resultaria da descarga destas excitações, segundo Freud (1950).

Ao lidarmos com estímulos endógenos - responsáveis pelas necessidades vitais de comida, bebida, entre outras – é sabido, para Freud (1950), que o sistema nervoso não pode descarregar toda a energia recebida, devendo suportar uma certa quantidade de Q . E é, ao se direcionar ao quantum de energia que precisa ser descarregado, que Freud salienta a concepção de desamparo original do ser humano e analisa as primeiras experiências de satisfação, cujas consequências são decisivas à moralidade humana.

No *Projeto de 1895*, Freud postula uma ‘arqueologia da moral’ segundo Rinaldi, (1999, p.46), que defende ser a moralidade não apenas algo imposto pelas relações sociais aos desejos individuais, mas a necessidade da moral inerente ao aparelho psíquico. A moral não seria apenas oriunda das relações sociais que se sobrepõem aos desejos individuais, mas, segundo Rinaldi (1999, p. 46) “a necessidade da moral está inscrita na própria constituição psíquica do homem, na sua forma específica de obter satisfação”. A necessidade do outro como fonte de prazer e dor seria, segundo a hipótese freudiana, a origem da ambivalência da relação que nos marca enquanto ser social e nos impõe a estipulação de regras de conduta e códigos morais.

Além da ambivalência das relações sociais, do desamparo e incompletude que nos constituem como seres humanos, o psicanalista apresenta ainda uma crítica à ‘moral civilizada’ na obra de 1908, na qual apresenta reflexões sobre a origem das regras e normas morais em *Totem e Tabu* (1913), a reformulação do aparelho psíquico e, principalmente do ‘princípio do prazer’ em *Além do princípio do prazer* (1920), e vicissitudes sociais inéditas da época expostas em *O mal-estar na civilização* (1930). Ambas as obras, de formas específicas e de acordo com a progressão da análise de casos clínicos, vão questionar e complementar suas iniciais hipóteses circunscritas à superioridade da pulsão sexual ante a sua repressão moral; passagens essas que vão ao encontro aos pressupostos aristotélicos.

No entanto, é sempre necessário que nos lembremos de uma incompatibilidade existente *a priori* entre os conceitos freudianos e a perspectiva de educação (SUCUPIRA LINS, 2002), principalmente pela noção aristotélica

de *telos* e do homem racional. Educação é um processo que acontece fortemente embasado na capacidade humana da razão aliada à sua vontade livre de estabelecer finalidades. As contribuições da psicanálise têm seu lugar na vivência educacional, mas não podem ser entendidas como sustentação pelo papel atribuído ao inconsciente que nega o controle das decisões ao ser humano racional, livre e dotado de vontade.

A despeito das divergências, incompatibilidades e objetivos diversos almejados por Freud, Aristóteles e MacIntyre, findamos nossa discussão teórica, ressaltando a importância do diálogo entre pensadores e áreas diversas para a se compreender a complexidade humana, tão ampla como as diversas correntes de pensamento que buscam decodificá-la ao longo de toda a história da filosofia e da psicologia.

Ética nos cursos de licenciatura: currículos e valores em ação?

A presente pesquisa qualitativa foi realizada na Faculdade de Educação de uma Universidade pública brasileira localizada na cidade do Rio de Janeiro. Foram analisados os currículos de dez cursos de licenciatura oferecidos pela instituição e realizadas entrevistas semiestruturadas com três graduandos matriculados nos últimos períodos desses cursos. Objetivamos compreender as impressões acerca da sua formação, desejos, interesses e dificuldades referentes à sua prática profissional futura, sobretudo no que concerne à abordagem de valores no cotidiano docente. Tornou-se critério imprescindível de escolha dos entrevistados que já tivessem cursado todas as disciplinas de *Prática de ensino* e *Estágio complementar* oferecidas pelos seus cursos.

A análise curricular concomitante às inferências construídas a partir das entrevistas corrobora o descaso em relação às questões éticas durante sua formação docente. Os quadros 1 a 6, apresentados abaixo, mostram as percepções dos licenciandos quanto à abordagem de questões que atravessam a moralidade durante sua formação.

Outras pesquisas já se debruçaram sobre esse tema (SUCUPIRA LINS, 2007), mas tendo como sujeitos os alunos de Ensino Médio de formação de professores. No presente artigo, o foco está em alunos de licenciatura.

Quadro 1. Pergunta: *Existe em sua licenciatura alguma disciplina que aborde questões relativas à Educação Moral/Ética dos alunos?*

Sim	A1,A2,A3,A7, A11, A12, A13, A15, A17,A18, A19,A20, A21,A24,A27, A28 (55,2 %)
Não	A4 A5, A6,A8, A9,A10, A14, A16, A22, A23,A25,A26,A29 (44,8%)

Fonte: elaboração das autoras

Quadro 2. Pergunta: Qual disciplina?

Sociologia da Educação	A1,A2,A3, A11, A12, A17,A18,A19,A24 (31%)
Psicologia da Educação	A2,A11, A17
Filosofia da Educação	A2,A17,A24
Não lembra o nome da disciplina	A7, A15, A28, A27
Currículo	A13
Didática	A13
Prática de ensino	A17,A18
Filosofia e Educação Física	A19, A20, A21

Fonte: elaboração das autoras

Quadro 3. Pergunta: Caso positivo: você já cursou esta disciplina?

Sim	A1,A2,A3, A11, A12,A13, A17, A18, A19, A20, A21, A24 (70%)
Não	A7, A14, A15, A28, A27 (29,4%)

Fonte: elaboração das autoras

Quadro 4. Pergunta: Caso negativo: você acharia importante ter essa disciplina?

Sim	A5,A6, A7, A8, A9, A10, A14, A15, A21, A23, A25, A26, A29, A27 (96%)
Não	A4

Fonte: elaboração das autoras

Quadro 5. Pergunta: Algum professor lhe forneceu informações importantes acerca de como lidar com dilemas morais surgidos em sala-de-aula, durante estas disciplinas?

Sim	A1,A2,A3,A5, A7, A9, A10, A11, A12, A13, A14, A16, A17, A18, A19, A21, A24, A25, A26 A27 (66%)
Não	A4, A6, A8, A15, A20, A28, A29

Fonte: elaboração das autoras

Quadro 6. Pergunta: Quais informações?

Como trabalhar com alunos deficientes	A1
Postura diante dos alunos, como tratá-los.	A2, A14, A3, A18, A19, A23 (20%)
Ética e questões de moral	A2,A14, A21
Respeito	A2,A5,A7, A18
Não agir de forma tendenciosa	A7
Se for grave o problema levar ao órgão responsável	A10
Conhecer os alunos	A11, A12, A19
Aprender a lidar com as diferenças	A11, A26, A9
Racismo, preconceito	A13, A17, A18
Namoro, drogas, violência	A16
Religião	A17, A25
Expôs que dilemas são formas de aprendizado e o professor deve intervir	A19
O professor é modelo	A22
Não especificou	A24, A27

Fonte: elaboração das autoras

Embora a ética e a educação moral tenham sido apresentadas como tema transversal norteador da prática docente segundo a atual diretriz legal (LDBEN 9394/96), foi evidenciado – tanto nos currículos de licenciatura da Universidade pesquisada como nos questionários aplicados aos licenciandos – que a abordagem destas questões é insuficiente. Em alguns cursos – como é o caso de matemática, biologia, física, química e artes plásticas – os currículos mostraram que nada é ressaltado em relação ao tema. Não evidenciamos nenhuma disciplina ou tópico presente em alguma ementa sobre a questão.

Nos cursos de Letras, História e Geografia não existe uma disciplina direcionada ao tema, mas professores de Sociologia, História da Educação, Filosofia e Psicologia, segundo as entrevistas, abordavam questões relacionadas à ética. No entanto, quando pedimos aos licenciandos entrevistados que respondessem sobre quais conteúdos seriam esses, observamos que as respostas dadas eram as mais variadas possíveis, sem uma fundamentação teórica consistente. Podemos inferir que as questões e os dilemas surgidos no decorrer da sua prática docente são resolvidos de acordo com a educação que receberam de suas famílias, amigos e escola, e não fundamentados por reflexões e saberes obtidos no decorrer de seus cursos de licenciatura. Os saberes adquiridos previamente à sua entrada no curso superior fundamentam o agir dos alunos, uma vez que a graduação se mostrou insuficiente no que se refere à sua formação ética.

O curso de Educação Física da instituição pesquisada foi o único que apresentou disciplinas relacionadas diretamente com as questões éticas. Há, no currículo deste curso, as disciplinas *Bases Epistemológicas e Axiológicas da Educação Física* e *Ética e Bioética da Educação Física*. Ao responderem os questionários, os alunos deste curso deram respostas mais fundamentadas, com argumentos articulados filosófica e psicologicamente. Por exemplo, um entrevistado, quando questionado sobre como resolveria um dilema sobre roubo, respondeu: “Isso é sério, mas a criança está aprendendo, está em fase de saber o que é certo ou errado; eu tenho que mostrar o certo, conversar e puni-la se necessário”.

Os dilemas propostos aos licenciandos de Educação Física eram resolvidos de forma autônoma e homogênea e, a partir disso, podemos inferir que se basearam nos valores e preceitos ensinados no decorrer da sua graduação. Eles buscavam resolver sozinhos tais situações e não as levar à direção, como indicou a maioria dos graduandos dos outros cursos sem a mesma formação sobre o tema.

As respostas apresentadas nos quadros 7 e 8, abaixo, direcionam-se ao planejamento dos licenciandos quanto à sua prática durante ao estágio supervisionado.

Quadro 7. Pergunta: Em seu planejamento de aula estão presentes atividades que abordem questões concernentes à Ética?

Sim	A6, A7, A8, A19, A25 (17%)
Não	A1, A2, A3, A4, A5, A9, A10, A11, A12, A13, A14, A15, A16, A17, A18, A20, A21, A22, A23, A24, A26, A28, A29 (76%)

Fonte: elaboração das autoras

Quadro 8: Pergunta: Caso positivo, qual?

Está intrínseca ao trabalho	A6
Questões sobre respeito ao próximo	A7, A8
Que os alunos estabeleçam suas próprias regras e responsabilizem pelo respeito delas	A19
Impessoalidade	A25
Discussões que levem em consideração a posição de cada aluno	A27

Fonte: elaboração das autoras

Ao mesmo tempo em que 98% dos entrevistados defendiam a importância destas informações no currículo, 76% disseram que não iriam abordar a ética como tema transversal no decorrer dos seus estágios nesta instituição, apesar de serem obrigados segundo a legislação vigente. “Nós não temos tempo para isso, o currículo é cheio de matéria; Nem pensei nisso ao planejar minha aula, O vestibular tá aí e não sobra espaço pra essas coisas”: foram algumas das respostas que retratam esse descaso com a questão no decorrer da prática docente cotidiana. Os entrevistados que afirmaram abordá-los, quando interrogados sobre os conteúdos, não souberam muito bem defini-los, o que nos traz suspeitas sobre sua prática. Alguns licenciandos, ainda, ao responderem sobre como tratavam os conteúdos éticos no decorrer dos seus estágios, confundiram ética com outras questões, o que Sucupira Lins (2013) mostra ocorrer com frequência, como por exemplo, com aspectos religiosos e políticos. Apesar de concordar que tais temas, muitas vezes, se assemelham, pensamos que tal fato ratifica o desconhecimento da maioria dos futuros professores sobre educação moral.

Por fim, ficou claro que a presença de estudos sobre ética, na universidade em que foi realizada a pesquisa, é deficiente, quase nula. Não podemos deixar de lado o fato de que essa universidade é conhecida como uma das melhores IES no Estado do Rio de Janeiro.

Algumas considerações finais e novas questões

Que ser humano queremos ajudar a formar hoje na escola? Quais valores ensinar? A educação integral do homem (SUCUPIRA LINS, 2014) não pode ser negligenciada em momento algum, em nome de bandeira sociológica, psicológica ou qualquer outra que esteja na moda.

Os licenciandos entrevistados nessa pesquisa se questionam sobre elementos concretos da prática pedagógica ligados às questões éticas, tais como: os valores do século passado *servem* para a atual infância informatizada e globalizada? Como resolver a questão da cola, do roubo, do preconceito? Tais reflexões ratificam o interesse pelo tema da Educação Ética nos Cursos de Formação Superior.

O processo de globalização, a busca desenfreada por bens materiais, a violência, a intolerância e o surgimento de patologias neste novo século tornam o debate sobre valores e virtudes não apenas relevante, mas urgente. Professores das diversas áreas, cuja função, segundo o art. 35, da LDB 9394/96, é “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual”, precisam e anseiam por uma formação mais sólida nessa área. Torna-se necessária, nos cursos de formação de professores, a reflexão sobre as questões morais que os ajudem a resolver os dilemas e as questões éticas que surgem cotidianamente nas escolas.

A despeito da importância da educação moral na formação docente, os currículos, ementas e entrevistas realizadas ratificaram o descaso com essas questões. Porém, os licenciandos entrevistados ressaltaram a importância e o desejo de obterem mais informações sobre como lidar com o desenvolvimento moral do educando e com dilemas morais. Buscamos mostrar a interlocução entre dois autores Aristóteles, cuja obra *Ética a Nicômaco* é considerada básica para a compreensão da vida ética e Freud, o ‘divisor de águas’ dos estudos psíquicos e do comportamento humano. Ressaltamos, entretanto, que os dois pensadores se distanciam quase que inexoravelmente pelos pontos de sustentação da caracterização do ser humano. Isso não impede, porém, que se estabeleça uma discussão profícua a partir de ambos os ensinamentos.

Podemos pensar em algumas questões que emergem do debate: a virtude – a prática do equilíbrio – seria, portanto, o caminho para os jovens e crianças lidarem com as frustrações, isto é, com o não-prazer? A virtude ajudaria a responder qual seria o equilíbrio o qual devemos ensinar nossos alunos a agirem entre as pulsões e as restrições sociais, como levantado por Kupfer (2005)?

Estas são algumas das questões e dúvidas que norteiam a prática de muitos docentes, não apenas os que se encontram em formação nos cursos de licenciatura, mas grande parte daqueles que lecionam há anos nas escolas brasileiras.

Sintetizamos lembrando que ética é uma aquisição e, por isso, precisa ser ensinada. Há no ser humano uma busca do bem que o leva a progredir nas virtudes quando estas lhe são oferecidas, mas caso isso não aconteça será dirigido por desejos, pulsões e paixões desordenadas. Estudantes em cursos de

licenciatura não podem ser dispensados do estudo e da análise das contribuições de Freud e de Aristóteles, para que sejam capazes de pensar consistentemente sua prática pedagógica. O que observamos muitas vezes (SUCUPIRA LINS, 2009) é que os jovens ingressam nos cursos superiores ainda sem uma maturidade ética, o que é a conjunção da personalidade e da formação moral. As reflexões e os resultados da pesquisa apresentados devem auxiliar os futuros professores e também aqueles que já estão em exercício nas escolas.

Referências

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, Trad. Edson Bini. Bauru: Edipro, 2007.
- BARDIN, L. *L'Analyse de contenu*. Collection Le Psychologue, 8^{éd}, Paris: Corrigée PUF, 1996.
- DEBARBIEUX, E. *Violência na Escola: um desafio mundial*. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.
- FREUD S. Projeto para uma Psicologia Científica (J. Salomão, Trad.). Em J. Salomão (Org.). *Obras completas de Sigmund Freud. Edição Standart Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, (1895/1950).
- _____. Além do princípio do prazer In *Obras psicológicas completas de*. Edição Standard Brasileira. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1908.
- HANLY, C. *O problema da verdade na psicanálise aplicada*. Trad Raul Fiker. . Rio de Janeiro: Imago Ed, 1995.
- KEHL, M. R. *Sobre ética e psicanálise*. 2^a. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KUPFER, M.C. *Freud e a educação: O mestre do impossível*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Scipione, 2005.
- LONGO, M. *Entre a repressão e a permissão: a abordagem da ética nos cursos de licenciatura*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós Graduação em Educação da UFRJ, 2009.
- _____. “Professora, fala alguma coisa boa da educação pra gente, por favor?” *Violência, assertividade e pressupostos arendtianos na formação docente*. Tese de doutorado defendido no Programa de pós-graduação em Educação da PUC-Rio, 2014.
- MACINTYRE, A. *A short history of ethics*. Indiana: University of Notre Dame Press, 1998.
- _____. *Depois da Virtude: um estudo em teoria moral*. Trad. Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2001.
- Marcondes, D. *Textos básicos de Ética: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- MOUNIER, E. *O Personalismo*. São Paulo: Ed. Duas Cidades, 1964.
- RINALDI, D. *A ética da diferença: um debate entre a psicanálise e antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996/1999).

SUCUPIRA LINS, M.J.S.C. Avaliação de aprendizagem de ética no ensino fundamental. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro. v.23, n. 88, p. 763-179, jul./set., 2015.

_____. Educação integral e o desenvolvimento da pessoa humana. In: MALHEIRO, J. *Escola com corpo e alma. Manual de ética para pais, professores e alunos*. Curitiba: CRV, p. 129-134, 2014.

_____. Maturidade Ética e Identidade Moral: A Construção na Prática Pedagógica in *Revista Diálogo Educacional*. PUCPR Curitiba.v.9, n. 28 nov/dez, p.633-650, 2009.

_____. *Educação moral na perspectiva de Alasdair MacIntyre*. Rio de Janeiro: Ed. Access, 2007.

_____. Formação do Educador e a questão da Ética. *Educação e contemporaneidade*, Revista FAEEBA, 12, 20 UnEB, 2004.

_____. Educação e Contemporaneidade: Educação Moral na Encruzilhada. *Revista da FAEEBA*- ano 8, 12- jul/dez, 1999.

_____. Educação numa perspectiva antropológica freudiana. *Revista UNIVILLE*, p. 31-38, v. 7, n. 2, dez, 2002.

SUCUPIRA LINS et al. A avaliação da aprendizagem da ética na formação de professores de Ensino Fundamental. *Ensaio Avaliação e Políticas Públicas* vol. 15, 55, 2007.

TOGNETTA L.R.P.; VINHA T P. *Conflitos na Instituição Educativa: perigo ou oportunidade?* Sao Paulo: Mercado das Letras, 2001.

VERBECK, G. *Moral Education in Aristotle*, Washington, The catholic University, 1990.

Von Hildebrand, D. *The Nature of Love*, South Bend, Indiana. St. Augustine's Press, 2009.

Notas:

ⁱ Aristóteles usa 'agir' na palavra 'praxis', necessariamente está implicando em vivência de algo interior, o que é completamente diferente do agir behaviorista. É preciso distinguir 'hábito' em teorias comportamentais de 'habitus' aristotélico que é a praxis de algo incorporado

ⁱⁱ A quantidade de excitação ligada à estimulação sensorial

Sobre as autoras:

Monique Marques Longo é Professora Ajunta da UERJ, Doutora em Educação pela PUC-Rio, Mestre em Educação pela UFRJ, Psicopedagoga.

Maria Judith Sucupira da Costa Lins é Doutora em Educação, Professora Associada do pelo programa de pós-graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Recebido em: 05/10/2017
Aprovado para publicação: 10/11/2018